

# Obra pioneira e matricial nos estudos em Comunicação

RICHARD ROMANCINI<sup>1</sup>

## 6.1 LOPES

O livro *Pesquisa em Comunicação*, publicado em 1990, deriva da tese de doutorado de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, defendida dois anos antes, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP)<sup>2</sup>. A comparação entre a tese e o livro evidencia poucas diferenças. A principal alteração, em termos de conteúdo, é que a tese possui uma introdução maior, em que a autora destaca a inserção do trabalho em sua trajetória, descrevendo os caminhos que a levaram a encontrar seu objeto de pesquisa. Nota, assim, que o modelo metodológico (MM) exposto na tese nascera de “uma longa prática de docência na disciplina de Metodologia da Pesquisa e da experiência em projetos de pesquisa empírica” (LOPES, 1988, p. 13).

Nessa perspectiva, a autora informa que a formulação do modelo foi gradativa. Iniciou-se como uma proposta de “ro-

---

1. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e pesquisador do Centro de Estudos do Campo da Comunicação, na mesma instituição.

2. O trabalho foi orientado pela professora Sarah Chucid Da Viá. A banca de avaliação foi composta, além da orientadora, pelos professores Maria de Lourdes Manzini Covre, Dilma de Melo Silva, Carlos Eduardo Machado Junior e Mauro Wilton de Sousa. A defesa ocorreu em junho de 1988.

teiro” para a leitura interna de pesquisas em Comunicação. Havia, então, uma intencionalidade pedagógica, de modo que os estudantes realizassem leituras críticas de investigações, ultrapassando a compreensão do discurso manifesto, para apreender a construção do discurso científico. Depois, o roteiro passou a ser utilizado como guia para o planejamento e execução de pesquisas empíricas de caráter didático<sup>3</sup>.

O interesse em teorizar a experiência, a partir da observação que o instrumento mostrava-se útil no ensino e na prática da pesquisa, culmina na tese e no MM. Este foi aplicado a um conjunto de dezenove teses de pesquisa em Comunicação, do programa de pós-graduação da USP, de modo a testar a sua validade. A análise, entretanto, não é exposta na tese ou no livro, uma vez que a autora *decidiu* (palavra-chave de sua concepção metodológica) concentrar seus esforços na exposição do modelo em si. Como Lopes (1990, p. 140) discute, em seu modelo metodológico, o critério principal para julgar as opções do pesquisador é a própria prática da pesquisa, que, “em última instância, testa e julga toda a estratégia de investigação montada pelo pesquisador”. Desse ponto de vista, observa-se que a elisão das análises das teses não representa prejuízo; ao contrário, concentra o trabalho científico na discussão da proposta do modelo com o aprofundamento necessário.

Atualmente, o livro está na décima primeira edição. Ao longo dos anos, a principal modificação sofrida pelo volume foi o acréscimo de uma apresentação escrita por Octavio Ianni, na sexta edição, de 2002. O número significativo de tiragens é um primeiro indicador da importância do trabalho na área acadêmica da Comunicação brasileira, mas também em outros países, particularmente no âmbito ibero-americano. Porém, outros fatos e dados demonstram e ajudam a entender a relevância do trabalho. Vale a pena expô-los, antes de discutir características internas do livro, relacionadas à sua recepção duradoura:

- De início, destaca-se o pioneirismo da discussão metodológica do trabalho. Trata-se de um ponto de vista amplo sobre a pesquisa comunicacional, com a proposta de um modelo metodológico original para a mesma. A literatura metodológica utilizada pelos pesquisadores brasileiros, quando o trabalho de Lopes surgiu, era composta, de maneira geral, por traduções (muitas vezes das Ciências Sociais, sem maior en-

---

3. Outras informações sobre a relação entre aspectos biográficos e a elaboração do modelo metodológico são dadas por Lopes numa entrevista à *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* (MALDONADO & ROMANCINI, 2012).

foque comunicacional). A produção e as discussões metodológicas em Comunicação mais importantes, no contexto local e latino-americano, ao longo da década de 1980, estavam relacionadas à “pesquisa-ação”. Como nota Marques de Melo (1983, p. 7), o início da década mencionada marca uma transição da “pesquisa denúncia à pesquisa-ação”, no Brasil. Assim, o pioneirismo do trabalho quanto ao seu objeto fez com que ele se tornasse um recurso importante para o desenvolvimento da identidade acadêmica da pesquisa na área. As palavras de Ianni (2002, p. 12), na apresentação do livro, destacam esse ponto, ao notar que ele constitui, ao mesmo tempo, uma contribuição à metodologia da pesquisa em Comunicação e à “consolidação da problemática da comunicação como campo de ensino e pesquisa”.

- Verifica-se que, na vasta obra de Lopes, com mais de 150 trabalhos, entre livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados em revistas, *Pesquisa em Comunicação* é a publicação mais citada. De acordo com dados do Google Acadêmico<sup>4</sup>, o livro atinge 546 citações, enquanto o segundo trabalho mais citado, o livro *Vivendo com a telenovela* (LOPES, BORELLI & RESENDE, 2002), possui 128.
- É possível notar, de acordo com os dados do próprio Google Acadêmico, que os trabalhos que citam o livro são diversificados, em termos de áreas e temáticas de estudo. Desse modo, se, por um lado, predominam textos das Ciências da Comunicação, por outro, nota-se que o livro é também utilizado em trabalhos de áreas mais ou menos conexas, como Ciências da Informação e Museologia, bem como Educação, Ciências Sociais, Saúde, entre outras.
- Em 2003, o livro *Pesquisa em Comunicação* foi traduzido para o espanhol e publicado no México, pela editora Esfinge (LOPES, 2003a).
- A pesquisadora brasileira Lucia Santaella (2001, p. 12) observa, em seu livro de metodologia, também voltado à pesquisa em Comunicação, que, ao escrevê-lo, não teve a pretensão de “substituir a excelência da reflexão realizada por Lopes”. Assim como, para fugir de “certa angústia da influência”, buscou dar ao seu trabalho uma feição complementar ao estudo da autora mencionada.

---

4. Disponível em: <[http://scholar.google.com.br/citations?user=-27\\_xBUAAAJ&hl=pt-BR](http://scholar.google.com.br/citations?user=-27_xBUAAAJ&hl=pt-BR)>. Consulta realizada em 20 de novembro de 2013.

- Os estudiosos que se aprofundam no trabalho de Lopes não têm dificuldade em notar a *posição nuclear e germinadora* que *Pesquisa em Comunicação* possui na obra da autora. É um livro que marca um momento de autoria reflexiva que é, ao mesmo tempo, um ponto de chegada intelectual e de partida para novas investigações. Desse modo, se a análise interna da obra, como se discutirá na sequência, pode revelar aspectos datados, estes foram atualizados em estudos posteriores feitos pela pesquisadora.

## Estrutura do trabalho

*Pesquisa em Comunicação* combina características de difícil compatibilidade em trabalhos científicos: cobre a matéria de maneira ampla, mas é um livro relativamente sintético<sup>5</sup>, e apresenta uma discussão complexa com preocupações didáticas. Nessa perspectiva, é interessante o comentário de um pesquisador espanhol que, ao defender que a Comunicação Política adote um método que supere atalhos positivistas e “criticistas” (quando a pesquisa é reduzida a um receituário de tarefas triviais), nota que

o texto introdutório que de maneira mais didática e acessível – dentro de sua complexidade – combina esta perspectiva epistemológica com indicações para levá-la à prática na investigação social – a metodologia – é o de Vassallo de Lopes, 1990 (MARTÍNEZ NICOLÁS, 2007, p. 222, tradução nossa).

O livro começa com uma introdução (“Comunicação, pesquisa e metodologia”) que contextualiza o trabalho, notando seu teor ao mesmo tempo histórico – já que o objeto comunicação corresponde à atualização de aspectos superestruturais da sociedade – e metodológico. Também são firmadas três questões que fornecem diretrizes ao estudo. A primeira esclarece a compreensão da Comunicação como campo disciplinar que estuda os fenômenos da comunicação na sociedade contemporânea e que se autonomiza dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas. A segunda ressalta que, devido ao caráter histórico dos fenômenos, estes devem ser estudados dentro dos marcos contextuais

---

5. A primeira edição possui 148 páginas. As mais recentes, com o acréscimo da apresentação de Ianni e novo projeto gráfico, possuem 171 páginas.

mais amplos (social, político, econômico e cultural) que os envolvem. A última questão nota as fragilidades metodológicas da pesquisa em Comunicação. Para a autora, a preocupação dos investigadores brasileiros com a teoria tendia a relegar a metodologia ao segundo plano.

Em relação à estrutura dos capítulos propriamente ditos, percebe-se que a obra possui duas partes em que estes podem ser agrupados. A primeira, constituída pelos três primeiros capítulos, aborda as condições de produção do discurso científico em Comunicação, tendo em vista salientar os fatores extratextuais (sociais e institucionais) e textuais (científicos) que condicionam a sua produção. Por tal razão, essas dimensões são importantes para a formulação do modelo metodológico. A segunda parte do trabalho, compreendendo os quatro últimos capítulos, apresenta e discute o MM.

O primeiro capítulo (“Mercado cultural no Brasil e pesquisa em Comunicação”) analisa como se deu a formação do mercado cultural massivo no país, que estimulou o estudo da comunicação de massa. Discute também a necessidade de entender os modos como, nas relações entre o massivo e o popular, exercem-se hegemonias. Depois, é apresentada uma periodização da constituição do mercado de bens culturais brasileiro. Lopes demarca, na constituição do mercado cultural, duas grandes etapas de desenvolvimento, uma “nacional” e outra “transnacional”.

O segundo capítulo (“Paradigmas teórico-metodológicos e pesquisa em Comunicação”) discute os determinantes do processo de investigação na dimensão especificamente científica. Aborda, assim, os paradigmas que presidiram o desenvolvimento das Ciências Sociais, examinando a transposição dos mesmos na pesquisa em Comunicação. Os paradigmas são vistos, a partir de Thomas Kuhn, como “tipos de consciência possível, [que] se traduzem em sistemas teóricos distintos sobre a realidade social” (LOPES, 1990, p. 33), relacionando-se aos tempos históricos que procuram explicar e do qual são expressões. Os paradigmas tradicionais das Ciências Sociais são o funcionalista, o marxista e o weberiano. Os dois primeiros tiveram mais influência na pesquisa comunicacional e são, por isso, analisados em suas atualizações históricas. Outra discussão importante do capítulo é quanto à adesão desses paradigmas ao contexto científico da América Latina, marcado pela dependência científica. Essa preocupação em refletir a partir de uma localização específica dá ao trabalho, como nota Corral C. (2005, p. 322-323, tradução nossa), uma “visão latino-americana” sobre o tema:

Preocupações centrais da autora são, com efeito: Como fazer ciência social e, em particular, ciência da comunicação, na América Latina? Com quais instrumentos? E, afinal de contas: com qual metodologia? É pos-

sível pensar numa autonomia científica nos países de Nossa América?  
[...] Preocupação e interesse pelo regional. Sem prejuízo ou descaso pelo universal.

O terceiro capítulo examina aspectos de ordem institucional que incidem sobre a produção da pesquisa comunicacional. Relacionam-se, portanto, à realidade mais próxima à pesquisa científica, ligada principalmente à universidade na América Latina e no Brasil. São analisadas as políticas universitárias para a investigação, a formação docente (e discente) para a mesma e a avaliação desta atividade, no país. O exame das condições institucionais é complementado por um breve estudo da pós-graduação em Comunicação da USP.

Iniciando a discussão do modelo metodológico, o quarto capítulo (“Problemas metodológicos na prática da pesquisa em Comunicação”) apresenta a dupla concepção de metodologia (como teoria e como prática), que organiza a reflexão da autora. O capítulo também esclarece a concepção epistemológica que preside a construção do MM, isto é, a epistemologia histórica de Gaston Bachelard, que

levou a uma mudança profunda no domínio da epistemologia com a simples proposição de que qualquer ciência particular produz, a cada passo de sua história, as suas próprias normas de verdade e, portanto, os princípios de cientificidade operam internamente à prática científica (LOPES, 1990, p. 78).

Por isso, a autora nota que dois princípios regem a construção do modelo: 1) o método é inseparável das investigações em que é utilizado, e 2) a reflexão metodológica é uma atividade fundamental para o pesquisador, quando realiza suas investigações.

A compreensão da pesquisa como um campo dinâmico contextualiza a sua representação como *estrutura* e como *processo*, de modo que o espaço metodológico pode ser organizado, conforme a proposta de Lopes, em níveis, de natureza “vertical”, e fases, de tipo “horizontal”. Os primeiros são descritos em termos de suas dimensões epistemológica, teórica, metódica (instância do método) e técnica. Já as fases ou momentos da pesquisa remetem à definição do objeto, observação, descrição e interpretação.

Aspecto também importante desse capítulo é a compreensão não tecnicista ou reducionista dado ao método (metodologia *na* pesquisa), de modo que ele é definido “como uma série de opções, seleções e eliminações que incidem sobre todas as operações metodológicas no interior da investigação” (LOPES, 1990,

p. 87). Desse entendimento decorre a necessidade de estabelecer critérios que balizem as decisões. A partir da ênfase no caráter reflexivo da prática metodológica, Lopes discute três critérios, por ordem de importância: o epistemológico, o propriamente metodológico e o operacional.

O quinto capítulo do livro (“Modelo metodológico: leitura e prática da pesquisa”) explicita como a noção de “modelo” é entendida no discurso científico, discutindo a proposta realizada sob um duplo teor: conceitual (instrumento de leitura) e analítico (modelo de prática metodológica),

O sexto e o sétimo capítulos fazem a proposição detalhada do modelo metodológico, sendo que o primeiro deles (“Modelo metodológico: as instâncias da pesquisa”) discute os níveis da investigação, e o segundo (“Modelo metodológico: as fases da pesquisa”), suas fases. Aspecto fundamental da discussão, quanto aos níveis da pesquisa, é a ênfase na “ruptura epistemológica”, isto é, a crítica das noções de senso comum e a necessária dissociação entre o objeto real e o objeto científico. Este, e aqui a autora retoma Bachelard, é uma construção do pesquisador, contra as ilusões do saber imediato. Ainda que as questões epistemológicas e teóricas incidam, sobretudo, em fases como a definição do objeto, Lopes salienta a necessidade de que mesmo as dimensões mais “técnicas” da pesquisa sejam controladas por uma “vigilância epistemológica” que deve favorecer a articulação entre os níveis teóricos e empíricos da investigação. Tanto o “empirismo” quanto o “teoricismo”, na pesquisa empírica, são criticáveis.

Na conclusão, a autora ressalta as implicações de seu estudo para uma pedagogia crítica da pesquisa, além de sintetizar os pontos básicos do modelo metodológico. Observa ainda que, ao formalizar a experiência da pesquisa, construindo o modelo, termina, querendo ou não, dando ao mesmo um teor normativo. No entanto, observa que sua noção de pesquisa “reside essencialmente num trabalho metodológico aberto e crítico” (LOPES, 1990, p. 137). Isso, sem dúvida, faz com que sua proposta tenha uma dimensão não dogmática, reflexiva e, portanto, muito diferente dos trabalhos que reduzem a metodologia a um receituário.

## **Avanços e desenvolvimentos**

O modelo metodológico proposto no trabalho foi utilizado, na sua dimensão de instrumento para reconstrução de investigações, em estudos que buscaram analisar pesquisas científicas empíricas – por exemplo, Escosteguy (1993) –, bem como tem servido à construção de diversas investigações. Mesmo pesquisas que realizam análises de investigações teóricas têm sido feitas a partir do

modelo proposto por Lopes. A pesquisadora mexicana Cecilia Cervantes Barba (1992) adaptou-o, nesse sentido, para estudar o tratamento do conceito de mediação pelos teóricos Manuel Martín Serrano, Jesús Martín Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Enrique Sánchez Ruiz. No entanto, trabalhos com discussões sobre esse tipo de operação (uso do modelo para pesquisa empírica em análises teóricas) seriam úteis. São, por isso, uma sugestão válida a outros pesquisadores.

Certamente o componente pedagógico que a autora enfatizou em sua proposta enseja reconstruções e usos do trabalho em práticas de pesquisa em cursos de graduação e pós-graduação do campo da Comunicação, auxiliando a formação geral e em pesquisa de estudantes. Esse aspecto ajuda a explicar o número elevado de edições alcançado até o momento. Lopes, por sinal, continuou a enfatizar a importância, no ensino da área, de pedagogias nas quais o componente investigativo esteja presente (LOPES, 2003b) e a perspectiva da autora influencia reflexões sobre o tema da formação do estudante como pesquisador em Comunicação (PORÉM & GUARALDO, 2011, BONIN, 2012).

*Pesquisa em Comunicação*, de certo modo, antecipou pontos de uma agenda de investigação realizada pela autora e outros pesquisadores. Pode-se ler, assim, o comentário em que a autora nota o “quão pouco se sabe sobre as reapropriações ou decodificações que as classes populares fazem dos produtos da Indústria Cultural” (LOPES, 1990, p. 27). Muitos investigadores acabaram se voltando a essa questão. Outra observação relevante é sobre a “valorização do cultural”, no primeiro capítulo. Assim, o trabalho nota que a cultura, embora não substitua a política, tornou-se um espaço revelador de dimensões do conflito social e da questão nacional, conformando o próprio debate sobre a identidade nacional. A trajetória de investigação de Lopes, envolvendo temas como a articulação entre a ficcionalidade televisiva e a identidade nacional, enfocada em vários de seus estudos recentes, parece quase anunciada em avaliações desse tipo.

Há aspectos do livro datados, principalmente, como é natural, no que concerne a questões históricas. Mas nessa dimensão observa-se que houve continuidade de estudos, que possuem relação direta com as discussões de *Pesquisa em Comunicação*, por parte da autora. É o caso, por exemplo, das análises sobre o mercado cultural brasileiro, em que a pesquisadora adicionou um último estágio caracterizado pelo processo de “globalização” (LOPES, 2000), em sua periodização. Também os estudos sobre as características institucionais da pesquisa, em particular no que diz respeito à pós-graduação, foram tema de desdobramentos analíticos por parte de Lopes (2012b). Vale notar, aliás, que o livro discute um momento em que o número de programas de pós-graduação brasileiros da área de Comunicação era de apenas cinco (USP, UFRJ, PUC-SP, UMESP e UnB), sendo, hoje, mais de quarenta.



Pode-se notar, ainda sobre os desdobramentos reflexivos do trabalho, que a perspectiva de análise da Comunicação a partir da proposta de uma Sociologia do Conhecimento, ancorada em Pierre Bourdieu, que dá forma a uma crítica epistemológica, foi ampliada. Isso se deu, particularmente, com o uso da teoria dos campos sociais, aplicada ao “campo da Comunicação” e às discussões sobre seu estatuto disciplinar (LOPES, 2000-2001). Questão estreitamente relacionada a esta diz respeito aos paradigmas científicos, na qual a reflexão da autora tende a dar continuidade a um aspecto apontado em *Pesquisa em Comunicação*: a relação entre tempo lógico e tempo histórico, na produção do conhecimento. “É preciso ressaltar que o método em ato não somente se move num tempo lógico, mas mantém relações, implícitas ou explícitas, com o tempo histórico do objeto, que nas Ciências Sociais e Humanas é fundamentalmente dinâmico, mutável e descontínuo”, observara Lopes (1990, p. 100). Nesse sentido, as discussões da autora, no contexto da “crise de paradigmas”, sobre o possível exercício do paradigma da complexidade (Morin), do paradigma do sistema-mundial (Wallerstein) ou da globalização (Ianni), nos estudos de Comunicação (LOPES, 2004), mostram atualizações de seu pensamento, e não ruptura.

Da mesma forma, as discussões feitas pela autora sobre temas como a “reflexividade” no trabalho da pesquisa (LOPES, 2012a) e quanto ao “que há de novo na metodologia da pesquisa de recepção com os novos meios” (LOPES, 2011, p. 413) têm sentido de prolongamento em relação às posições teórico-metodológicas expressas no livro *Pesquisa em Comunicação*. Isso porque são claras as conexões que Lopes continua a fazer entre a epistemologia e a metodologia da pesquisa, por exemplo, quando ressalta a “dimensão comunicacional do trabalho de campo como um assunto epistemológico e uma categoria de análise a ser explicitada e objetivada, atendendo a seu caráter situacional e dinâmico, produto da ação dos sujeitos em interação” (LOPES, 2012a, p. 24, tradução nossa).

Em outros termos, o caráter crítico e aberto da reflexão metodológica da autora, assim como do modelo metodológico proposto por ela, é capaz de incorporar, sem incoerências, questões que correspondem a novas zonas de complexidade do objeto da produção científica em Comunicação. O que ela comenta recentemente sobre os novos objetos da área é uma observação que está implícita no seu livro, em favor de uma compreensão não dogmática e possivelmente criativa do método: “a abordagem de novos objetos de estudo leva a uma série de mudanças metodológicas, reforçando mais uma vez que é o método que é colocado a serviço dos objetos e não o seu contrário” (LOPES, 2011, 424-425).

## Rumo a leituras futuras

Antes de sintetizar uma avaliação sobre a importância de *Pesquisa em Comunicação* no campo de estudos, comentando suas possíveis apropriações, é válido notar que o trabalho possui certa “linha de continuidade” em relação ao plano da reflexão metodológica efetuada na escola uspiana de Sociologia. Embora a autora amplie o arco de referências em seu trabalho, valendo-se das considerações de Bachelard, Bourdieu e outros, a leitura dos textos metodológicos de Florestan Fernandes revela similaridades reflexivas. É possível associar, claramente, ao livro de Lopes, uma observação como a seguinte: “Os chamados *debates metodológicos* só são prejudiciais ou inúteis quando se voltam para questões meramente especulativas ou quando são desenvolvidos com ânimo dogmático, divorciando-se de temas e problemas de significação científica” (FERNANDES, 1978, p. x). Ianni (2002, p. 12), ao escrever a apresentação do livro, parece notar esse aspecto, ao referir-se ao sentimento gratificante de perceber no estudo metodológico da autora “ressonâncias de um trabalho intelectual passado, que se vivifica e enriquece no presente”.

Em síntese, numa avaliação sobre a obra da autora, podemos concordar com Maldonado (2002, on-line), que afirma: “Os trabalhos pioneiros de Maria Immacolata Lopes, no campo da comunicação, no Brasil, têm sido um marco suscitador das pesquisas, debates, reformulações e prospectivas sobre um fazer metodológico responsável com as fundamentações epistemológicas”. Acrescentamos a esse comentário, porém, que o livro *Pesquisa em Comunicação* destaca-se quanto ao que é dito.

Projetando um traçado entre passado, presente e futuro, talvez não seja exagerado afirmar que, na “juventude” das Ciências da Comunicação no Brasil, o livro em questão constitua um clássico da disciplina. Ou seja, é o tipo de trabalho cuja leitura é incontornável, sendo capaz de sugerir diferentes ideias e interpretações; ajuda os pesquisadores a entender o campo em que se situam e a pensar em caminhos para o mesmo. Enfim, convida os estudiosos da Comunicação a “atualizá-lo” na sua prática e em suas reflexões.

## Referências

BONIN, Jiani Adriana. Reflexões sobre a formação metodológica na orientação de projetos de pesquisa em Comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 36-45, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/373>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CERVANTES BARBA, Cecilia. **Los estrategas de la comunicación**: alternativas metodológicas frente a la persistencia del maniqueísmo. 1992. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, Guadalajara, 1992. Disponível em <<http://ccdoc.iteso.mx/cat.aspx?cmn=browse&id=560>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CORRAL C., Manuel de Jesús. Reseña de “Investigación en comunicación. Formulación de un modelo metodológico” de Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Latinoamérica – Revista de Estudios Latinoamericanos**, México D.F., n. 40, p. 322-325, 2005. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64004017>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **A pesquisa do popular na comunicação**: uma análise metodológica. 1993. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 1993.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

IANNI, Octavio. Apresentação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 11-12.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Reflexividad y relacionismo como cuestiones epistemológicas en la investigación empírica en Comunicación. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-25, jan./jun. 2012a. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/373>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Posgrados en Comunicación en Iberoamérica**: políticas nacionales e internacionales. São Paulo: Confibercom, PPGCOM-USP, 2012b. Disponível em: <[http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/Media/posgrados\\_en\\_comunicacion\\_en\\_iberoamerica.pdf](http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/Media/posgrados_en_comunicacion_en_iberoamerica.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Análisis de recepción en América Latina**: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: Ciespal, 2011. p. 409-428.

\_\_\_\_\_. As fronteiras entre as ciências sociais vistas da comunicação: uma aproximação aos estudos sociais das ciências. **E-Compós**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-19, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/10/11>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Investigación en Comunicación:** formulación de un modelo metodológico. Naucalpan: Esfinge, 2003a.

\_\_\_\_\_. A pesquisa e o ensino nas escolas de Comunicação. In: PERUZZO, Círcia M. Krohling; SILVA, Robson Bastos da (Orgs.). **Retrato do ensino em Comunicação no Brasil.** São Paulo, Taubaté: INTERCOM, Unitau, 2003b. p. 283-293.

\_\_\_\_\_; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela:** mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

\_\_\_\_\_. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 46-57, dez./fev. 2000-2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/48/04-immacolata.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. A institucionalização dos estudos de Comunicação no Brasil. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BUONANNO, Milly (Orgs.). **Comunicação no plural:** estudos de Comunicação no Brasil e na Itália. São Paulo: INTERCOM, EDUC, 2000. p. 49-65.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Comunicação:** formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Comunicação:** formulação de um modelo metodológico. 1988. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 1988.

MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 9, 2002. Disponível em <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/299/182>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_; ROMANCINI, Richard. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Uma trajetória acadêmica exemplar, no enlace entre a pesquisa e o objeto popular da telenovela. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 118-139, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/447/256>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

MARQUES DE MELO, José. Comunicação: da pesquisa-denúncia à pesquisa-ação. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). **Teoria e Pesquisa em Comunicação:** panorama latino-americano. São Paulo: Cortez, INTERCOM, 1983. p. 7-13.

MARTÍNEZ NICOLÁS, Manuel. Agitación en el campo. Nueve ideas para la investigación sobre Comunicación Política en España. **Política y Sociedad**, Madrid, v. 44, n. 2, p. 209-227, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0707230209A/22305>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PORÉM, Maria Eugênia; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Reflexões sobre metodologia aplicada na construção de pesquisas científicas na área de comunicação social. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 12, n. 23, p. 51-60, jul./dez. 2011. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/1357/1088](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1357/1088)>. Acesso em: 20 nov. 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.